

TERMAS ROMANAS DE CHAVES

PLANO E GUIÃO DE VISITA ESCOLAR

2º CICLO DO ENSINO BÁSICO



OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	CONCEITOS	ESTRATÉGIAS E METODOLOGIAS	RECURSOS
<p>.Contacto com a civilização e cultura clássica .</p> <p>.Valorização da identidade e das raízes históricas.</p> <p>.Definição do conceito de herança histórico-cultural.</p> <p>.Definição do conceito de aculturação e de apropriação cultural.</p> <p>.Identificar alguns elementos relativos à História e Geografia de Portugal.</p> <p>.Reconhecer e valorizar o património histórico e cultural.</p> <p>.Reconhecer e valorizar a história local.</p>	<p>.Identificar quem foram os romanos, de onde vieram e como se desenvolveram enquanto civilização e sociedade.</p> <p>.Definir o conceito de estado, nação e império.</p> <p>.Identificar a diferença entre república romana/império romano.</p> <p>.Definir de conceito romanização.</p> <p>.Estruturar o sistema político e militar romano.</p> <p>.Estruturar o sistema social e cultural romano.</p> <p>.Estruturar o sistema religioso romano.</p> <p>.Identificar as diferenças entre a civilização grega e romana.</p> <p>.Identificar as inovações técnicas e culturais introduzidas pela civilização romana.</p>	<p>.Civilização e cultura clássica;</p> <p>.Conceito de estado, nação e império.</p> <p>. Conceito de romanização.</p> <p>.Conceito de aculturação e de apropriação cultural.</p> <p>.Conceito de herança histórico-cultural.</p>	<p>.Preparação em contexto de sala de aula, e de acordo com o programa curricular, dos conteúdos mencionado no presente plano de forma a que o aluno, ao visitar o complexo termal, possa adquirir conhecimentos sobre um determinado aspecto da vida e da sociedade romana e se identifique com alguns dos comportamentos deixados pelos romanos, como por exemplo o hábito do termalismo para a cura de determinadas doenças.</p> <p>.Em contexto de visita ao espaço e com o recurso ao guião adaptado e à reconstituição e à infografia das Termas Romanas de Chaves, promover uma visita assente numa comunicação interativa, de forma a situar os alunos no tempo, no espaço e no âmbito social. Poderá, igualmente, fazer referencia aos fenómenos geológicos que potenciam a formação de locais como as termas.</p> <p>.Em contexto de visita ou de sala de aula executar uma das atividades lúdico-pedagógicas, como forma de interiorização dos conteúdos aprendidos e sob a forma de brincadeira, tal como os jovens na época romana o faziam.</p>	<p>.Catálogo das Termas Romanas de Chaves.</p> <p>.Brochuras das Termas de Romanas de Chaves</p> <p>.Caderno do professor das Termas Romanas de Chaves.</p> <p>.Reconstituição do edifício das Termas Romanas de Chaves</p> <p>.Infografia das Termas Romanas de Chaves.</p> <p>. Guião de visita adaptado</p> <p>.Atividades lúdico-pedagógicas</p>

GUIÃO DE VISITA DO PROFESSOR

ESTE GUIÃO ENCONTRA-SE EM DISCURSO DIRECTO DE FORMA A PROMOVER UMA VISITA ASSENTE NUMA COMUNICAÇÃO INTERATIVA, CONTUDO NÃO DISPENSA A DEVIDA ADAPTAÇÃO POR PARTE DO PROFESSOR QUE ORIENTARÁ A VISITA DE ESTUDO.

Bem-vindos às Termas Romanas de *Aquae Flaviae*. Encontram-se perante um dos mais extraordinários e bem conservados complexos de águas medicinais do mundo romano.

Os trabalhos arqueológicos aqui desenvolvidos entre 2006 e 2015 colocaram a descoberto, entre vários vestígios, as ruínas das termas medicinais de *Aquae Flaviae*. Foi um achado incrível que veio atestar a importância que as águas medicinais tiveram na urbe romana.

Em primeiro lugar, e antes de tudo, convém fazer uma introdução à importância que a cidade de Chaves possuiu na época romana. Chaves foi a grande *Aquae Flaviae* uma das cidades mais importantes da época romana do nosso território.

A origem da cidade de Chaves ainda não está totalmente esclarecida. Os vestígios pré-romanos identificados na zona do Alto da Pedisqueira, atual zona do Forte de S. Francisco, e que para alguns autores são indiciadores da existência de um castro pré-romano, podem apenas, segundo outros autores, indicar trocas comerciais havidas já no período romano.

Vamos esperar que os trabalhos arqueológicos que têm sido feitos no âmbito das obras de salvaguarda venham resolver esta questão.

A tese que merece mais consenso é que *Aquae Flaviae* terá tido origem numa *mansio* (pousada) que se encontrava no local onde a grande via que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga) atravessava o rio Tâmega. Esta foi designada por *Ad Aquae* devido à presença de quentes fontes termais e vem assim já citada no Itinerário de Antonino. Como sabem, esta é uma das mais preciosas fontes que os arqueólogos recorrem, porque é um mapa onde vêm descritas as vias e as povoações que lhes estão próximas, feito, provavelmente no séc. III, mas com referências anteriores.

Não podemos esquecer que o prefixo *Aquae* era dado, na parte latina do império, às cidades termais.

A cidade de Chaves foi, assim, uma das mais importantes cidades romanas desta região. A sua posição geográfica entre *Bracara Augusta*, a atual cidade de Braga, e *Asturica Augusta*, a atual cidade de Astorga,

ambas capitais de província, os bons terrenos agrícolas, a proximidade com as minas de ouro de Jales e de Três Minas, em Vila Pouca de Aguiar e, sobretudo, a existência de águas termais, fez com se transformasse num dos pontos mais estratégicos de toda esta região.

Nos anos 73 e 74 d.C., *Aquae Flaviae* integrava o *conventus Bracaraugustanus*, tendo sido elevada a *municipium latinum* (município), passando a usufruir do *ius Latii*, lei que conferia a cidadania romana a povos indígenas, transformando-se num importante centro político, difusor da cultura romana.

Aquae Flaviae era uma típica cidade romana que se assumia como capital de *civitas* (região administrativa). Tal como era comum nas cidades romanas, o centro cívico, administrativo e religioso da vida municipal era o *forum*. Era aqui que se cruzavam as duas artérias principais: o *Cardo* e o *Decumanos Maximus* de onde irradiavam os restantes arruamentos num traçado urbano regular, ordenando as zonas habitacionais de casas abastadas (*domus*), prédios (*insulae*), áreas comerciais (*tabernae*) e os cemitérios que se encontravam fora da cidade, junto às portas de acesso.

No caso da nossa cidade, o *forum* estaria situado no Largo Camões ou Largo Principal, junto à câmara municipal. Estaria assim, num topo aplanado sobre a cidade como acontece em Braga, Astorga, Tarragona ou mesmo Viseu.

Nesta cidade controlava-se a mineração e o transporte do ouro explorados nas minas próximas de Jales e de Três Minas, como já o dissemos, e aqui chegavam milhares de doentes que vinham de grandes distâncias para se tratarem.

Efetivamente, o que marcaria a imagem urbana de *Aquae Flaviae* era a monumentalidade e o destaque do Complexo das Termas Mediciniais Romanas, situadas junto à icónica ponte sobre o rio Tâmega, a chamada Ponte de Trajano, bem perto de nós.

Esta ponte, um dos nossos ex-libris, acompanharia o traçado da via XVII de Astorga a Braga, tendo sido o único meio de comunicação entre ambas margens do Tâmega, até à construção de uma nova ponte na década de 50 do século XX. Datada do ano de 104 da nossa era, esta obra de grande envergadura, terá sido edificada com a ajuda de dez povos que se encontram listados num padrão viário, o chamado “Padrão dos Povos”, datado de 79 d. C. e cuja réplica se encontra sobre o tabuleiro. Este foi consagrado a Vespasiano, Tito e Domiciano, imperadores da dinastia Flávia, por dez povos (*Aquiflavienses*, *Aobrigenses* (?), *Bibali*, *Coelerni*, *Equaesii*, *Interamici*, *Limici*, *Naebisoci*, *Quarquerni*, *Tamagani*).

É composta por um tabuleiro plano de cerca de 140 m de comprimento, revestida a pedras almofadadas de granito. O suporte é feito através de possivelmente 18 arcos de volta perfeita; destes, 16 são atualmente visíveis, estando oito sobrepostos ao pavimento da zona ribeirinha a poente, dos quais quatro fazem parte de arrecadações particulares, em parte soterrados pela conformação atual das Ruas da Ponte e dos

Ferradores. A nascente, dois arcos permanecem igualmente enterrados, no atual Bairro da Madalena, não estando visíveis devido às construções que os ladeiam.

No tabuleiro encontram-se as réplicas do já referido Padrão dos Povos, de 79 d.C., e de uma coluna comemorativa da construção da ponte, a Coluna de Trajano, a indicar o termino da sua construção no ano de 104 d.C.

Vamos, então, falar das nossas termas alvo da nossa visita de estudo.

Notáveis pela sua monumentalidade e estado de conservação, as termas de *Aquae Flaviae* encontram-se lado a lado com outras termas medicinais famosas como as de Bath (*Aquae Sulis*), em Inglaterra, de Badenweiler, na Alemanha e de Hammam Salehine (*Aquae Gadaris*), na Palestina e São Pedro do Sul em Portugal.

O primeiro dado que precisam de saber é que nos encontramos perante um complexo termal de tipo terapêutico o que as distingue das termas higiénicas comuns a todas as cidades romanas, tanto ao nível da forma como da função e que são as que as pessoas mais conhecem.

Para além disso, as termas romanas de *Aquae Flaviae* possuem particularidades que as tornaram especiais: uma vasta área de captação de águas, uma grande afluência de utilizadores, a necessidade de arrefecer a temperatura da água e a cota das nascentes localizadas cerca de três metros abaixo do nível das ruas da cidade romana.

Todos sabemos que sob os nossos pés correm águas a uma temperatura constante durante todo o ano de 76 graus, o que faz delas as mais quentes da Península Ibérica e as águas bicarbonatadas-sódicas mais quentes da Europa.

As nascentes destas águas estão, deste modo, condicionadas às características geotectónicas. No caso concreto de Chaves, o sistema hidromineral é, essencialmente, condicionado pela convergência da Zona de Falha de Penacova-Régua-Verin, onde se verifica a existência de hidrotermalismo ativo numa extensão com cerca de 200 km, desde S. Pedro do Sul, onde também existe um complexo termal romano muito importante, até Tui (Espanha), à qual se pode associar a uma tectónica de fracturação sismicamente ativa até profundidades que podem exceder os 5 km.

A água mineromedicinal de Chaves é bicarbonatada e rica em minerais, sobretudo em sódio, sílica, fluoreto e hidrogenocarbonato.

São indicadas para o tratamento de afecções reumáticas e músculo-esqueléticas devido à ação anti-inflamatória. Afecções do aparelho digestivo e doenças crónicas e alérgicas das vias respiratórias e para tratamento dermatológico por serem sílicas.

Tal como hoje, milhares de doentes vieram, sobretudo entre os séculos II e IV da nossa era, procurar nas águas medicinais de *Aquae Flaviae* a cura para as suas doenças.

Vieram militares recuperar traumatismos, pessoas com patologias do foro digestivo e pessoas com problemas das vias respiratórias. Tal como hoje, muitos vinham de longe e passavam temporadas em *Aquae Flaviae* a fazer o tratamento termal.

O complexo termal de *Aquae Flaviae* foi edificado em várias fases. Da primeira fase, datada do século I, já pouco resta, tendo sido as grandes obras de remodelação feitas nos finais do século II ou inícios do século III, que lhes deram grandiosidade e as projetaram pelo mundo romano. As estruturas agora musealizadas referem-se, precisamente, a essa fase de apogeu. **(apontar para alguns dos materiais expostos como os tijolos de tipo Bessalis e de tipo Bepedalis)**

Para que tudo funcionasse na perfeição, foi necessário pensar este edifício ao pormenor. Desde o planeamento à construção.

Os Romanos, após escolherem criteriosamente o local, identificaram quais os pontos de nascente que queriam ativos. Depois, impermeabilizaram todo o terreno com a colocação de uma espessa camada de *opus caementicium* (betão). Desta forma, as águas pluviais e do rio próximo não se misturavam com as águas mineromedicinais.

Os materiais foram escolhidos de acordo com o que se queria construir e a sua resistência frente à corrosão destas águas.

As piscinas eram forradas a *opus quadratum* (silhares paralelepípedicos dispostos em fiada), em granito que lhes davam a robustez necessária. Este aparelho em pedra era, por sua vez, revestido a *opus signinum*, uma argamassa impermeabilizante feita à base de telha moída, o que dava um aspeto visual bastante

diferente do que hoje temos. Venham até aqui ver o um bocado de *opus signinum*. (**apontar para o fragmento exposto**).

As paredes eram rebocadas e a cobertura abobadada era, provavelmente, estucada. O teto assim construído e estucado, seria decorado com caneluras que acompanhavam a sua curvatura, permitindo que a água condensada escorresse lateralmente e não caísse, arrefecida, sobre o aquista. (**mostrar a reconstrução das termas do século III**).

Esta parte da visita deve ter como suporte a infografia das termas.

Imaginemos que aqui existia um grande edifício rodeado por um muro. Depois de entrar neste espaço, o aquista descia umas escadas e acedia à ***Palaestra***

Primeiro, havia que pagar o tratamento e este dependia do montante que queria despende. Se, por exemplo, queria usufruir das piscinas individuais, pagava mais.

A ***Palaestra*** era um comprido pátio, aberto, com cerca de 40m de comprimento. Podia sentar-se durante uns instantes no banco corrido que estava à sua direita encostado à parede que limitava as termas deste lado. À esquerda, via um **Corredor Porticado** com uma abóbada suportada por imponentes colunas com capitéis toscanos, tal como o que temos aqui exposto. (**apontar para o capitel exposto**).

Sabem o que é um pórtico? Um pórtico é um espaço coberto, cuja abóbada é sustentada por colunas e servia de entrada a um edifício.

Este era um espaço movimentado de encontro e convívio, mas também de descanso dos aquistas. Têm que pensar que aqui havia sobretudo doentes.

Subia, então, três degraus que se encontravam a meio do pátio e atravessava o pórtico. Sensivelmente a meio deste corredor, atravessava uma porta e entrava numa grande sala, denominada de **Sala 2**.

Sala 2

A Sala 2 era uma grande sala abobadada, com quinze metros de comprimento e dez de largura. Era aqui que as pessoas se despiam para entrar nas piscinas, guardando as suas roupas em armários de madeira. No chão podem ver-se duas caixas onde confluem canais para condução de águas. (**apontar para o local**)

Por um lado, era por um destes canais que se fazia o escoamento das águas da Piscina A que era conduzida para a Cloaca 1. Mas, ao acionar uma comporta, a água, vinda de uma nascente a norte, servia para encher

de água a Piscina A. Dois outros canais faziam o escoamento para a grande Cloaca 1 das piscinas G e F que se encontram junto à Piscina B.

Desta sala, podia optar por ir para a Piscina A ou para a Piscina B.

Piscinas A e C

Uma porta dava acesso à sala onde se encontra a Piscina A. Aqui o aquista deparava-se com uma enorme sala com uma abóbada de canhão com mais de dez metros de altura. Assim que entrava no átrio, deparava-se com uma grande piscina com 13,22m de comprimento, 7,98m de largura e 1,63m de profundidade. Antes de descer os degraus para dentro da água, podia pousar a toalha num dos bancos que se encontravam ao lado da porta. Antes de chegar aos degraus, sentia um pequeno declive nas pedras para que a água não transbordasse. A piscina possui seis degraus apenas no topo norte.

Nas escadas encontravam-se homens e mulheres sentados nos degraus, uns com a água apenas pelos joelhos, outros com a água pelo pescoço. Tudo dependia da terapêutica que fora aconselhada enfermidade de que padeciam.

Descia os degraus e caminhava para o fundo da piscina. Contudo, se queria a água um pouco mais quente, podia dirigir-se à Piscina C, mais pequena e funda, e onde apenas se podia estar de pé.

A **Piscina C** possui 2,90m x 2,41m e acendia-se a esta por uma pequena escada na borda da Piscina A. A cobertura original consistia numa pequena abóbada de canhão. A água quente entrava nesta piscina por um canal independente na parede oeste, trazida diretamente do *castellum aqua* a poucos metros de distância.

Na parede oeste da Piscina A havia uma conduta de abastecimento de água proveniente do *castellum aquae* e outra de escoamento do excesso de água.

Ao centro da parede sul, do lado oposto ao dos degraus existe, ao nível do chão, uma fístula em chumbo (tubo) por onde se esvaziava totalmente a piscina, para limpeza ou manutenção.

Saindo desta piscina podia dirigir-se diretamente até à Piscina B através de um acesso no extremo oeste da sala.

Piscina B

Quando entrava na sala onde se encontra a Piscina B, o impacto que o aquista teria seria ainda maior. Esta é a maior piscina do complexo, com quase catorze metros de comprimento, nove de largura e uma profundidade de pouco mais de dois metros. Nos lados encontravam-se mais quatro pequenas piscinas individuais às quais podia aceder se, para tal, tivesse pago um pouco mais. Têm todas quase o mesmo tamanho com dois metros de lado e dois degraus altos que servem de banco ou encosto.

Ao centro, no topo, podia ver um nicho com uma piscina semicircular onde se faziam banhos por aspersão, mediante a utilização de um balde. A ladear este nicho encontram-se duas pequenas piscinas, ainda não totalmente postas a descoberto, com apenas meio metro de profundidade. Aqui, ou se banhavam apenas os pés, ou então, possuíam funções decorativas.

Uma escadaria com seis degraus rodeava a grande piscina, ao fundo da qual estava um estrado de madeira. De facto, os trabalhos arqueológicos colocaram a descoberto no fundo da piscina, 40 cubos em granito, dispostos a intervalos regulares, por forma a suportar barrotes em madeira sobre os quais assentava um estrado. Este, permitia ao aquista não queimar os pés e diminuía a profundidade da piscina para 1,60m que era a profundidade da maior parte das grandes piscinas termais da época romana.

O abastecimento da Piscina B e das que a rodeiam era feito pela fonte nascente que está sob esta.

Após o seu banho curativo, retornava à Sala 2, onde se vestia e saía. Já no exterior, dirigia-se até ao **Ninfeu**, colocava um ex-voto às Ninfas.

O castellum aqua

Junto à Piscina A pode observar uma singular obra de engenharia hidráulica: o *castellum aqua* (**apontar para o local**). Trata-se de um reservatório de onde se distribuía a água pelas Piscinas A e C que era extraída de um poço de captação localizado a sul do edifício. Esta era transportada através de uma conduta em madeira encastrada num buraco no *opus caementicium*.

Este reservatório era dividido a meio. Uma das metades tinha ligação com a Cloaca 3 para onde iam as águas das Piscinas B e C quando estas fossem limpas.

Depois de ser filtrada por uma camada de areia no fundo, a água era, então, conduzida até às piscinas. Havia, igualmente, todo um sistema de esvaziamento das piscinas B e C quando estas tinham que ser limpas ou reparadas.

Conduzir e drenar as águas

Verdadeiramente admirável, é o inteligente sistema de abastecimento, de condução e de drenagem das águas. Efetivamente, foi necessário pensar como é que as águas termais que estavam a três metros abaixo do nível das casas, chegavam até às piscinas. Assim, como já o dissemos, após terem forrado o solo com uma grossa camada de concreto (*opus caementicium*), deixaram quatro pontos de extração de água termal: um no fundo da piscina B, outro no ninfeu que veremos a seguir, outro no poço junto à Piscina A e outro algures a norte.

Excepcional é, igualmente, o sistema de escoamento de águas. De facto, a dado momento, seria necessário esvaziar as piscinas para limpeza ou arranjos. Para o fazerem, usavam canais e comportas que conduziam as águas para o exterior, através das cloacas.

O Ninfeu

Completamente à parte, no exterior, podemos observar um dos elementos mais interessantes deste conjunto: o ninfeu. **(apontar para o local)** A entrada está virada a sul, precisamente em direção ao rio e à Ponte de Trajano, a principal entrada da cidade.

Trata-se e de uma nascente monumentalizada, em forma de poço, inserida num pórtico semicircular (êxedra). O poço, de planta retangular, feito em *opus caementicium*, possui 1m x 1,35m e tem 1,70m de profundidade e era cheio de água termal através de um orifício existente no fundo. Um outro orifício no topo de uma das paredes garantia o escoamento do excesso de água, o tubo ladrão. O remate é feito por uma estrutura de tipo altar. A pedra de cabeceira tem duas cartelas sobrepostas por um tímpano triangular decorado com uma rosácea. Parece haver uma relação deste elemento arquitetónico com as famosas Pedras Formosas que se encontram nas saunas da Idade do Ferro, como por exemplo em Tongóbriga, Marco de Canaveses.

Existem vestígios de um portão e no interior um degrau que facilitava o acesso à água, provavelmente para beber.

Este poço sagrado é, assim, um templo consagrado às Ninfas, divindades da água, mas também as guardiãs deste lugar telúrico. Era um templo simples que foi projetado para imitar uma gruta o habitat natural das Ninfas. Imaginem este espaço semiesférico coberto com uma meia cúpula.

Junto a este ninfeu foram encontrados dois altares dedicados às Ninfas que podemos ver aqui **(apontar para os altares expostos)**.

Os achados

Um dia, nos finais do século IV, a terra tremeu violentamente. As abóbadas que cobriam as piscinas caíram apanhando os banhistas desprevenidos.

Podemos dividir os achados romanos deste sítio arqueológico em dois grandes grupos: aqueles que foram recolhidos dos lodos selados que se encontravam sob os escombros da ruína da abóbada, contidos na piscina A e nas condutas de escoamento das águas e os provenientes dos restantes contextos romanos.

Após a derrocada que o terramoto provocou, as condutas de escoamento de águas ficaram entupidas, provocando a acumulação de uma lama negra, muito fina e compacta, que criou um ambiente húmido, estável e anaeróbico, evitando a degradação da matéria orgânica e a oxidação dos metais.

Assim, para além da cerâmica e pedra que normalmente compõem a esmagadora maioria dos achados arqueológicos, foram achados artefactos em madeira, vime, osso e metal num excelente estado de conservação.

Destacam-se a presença de pentes em madeira de buxo; taças em madeira que, curiosamente, reproduzem as formas da cerâmica fina (*terra sigillata*) da mesma época; uma *ampulla* (recipiente em forma de cantil) em madeira com uma inscrição com simbologia cristã; uma garrafa em vidro com revestimento em cestaria e isolamento em cortiça (possivelmente para transporte da água termal); alfinetes para cabelo (*acus crinalis*) em osso, pulseiras em bronze, contas de colar em cornalina e azeviche, pinças, espátulas e lígulas relacionadas com a higiene pessoal; instrumentos relacionados com a escrita, como estiletos de bronze para escrever em tabuinhas de cera, facas de afiar cálamos e uma caixa de selo, que era usada para fechar a correspondência.

Caída no fundo da Piscina A, foi encontrada uma cabeça em mármore representando uma jovem com o penteado de Julia Mameia, mãe do Imperador Alexandre Severo, datada dos princípios do séc. III. Estaria primitivamente a decorar um nicho da sala da piscina, tal como uma pequena ara, também em mármore, que jazia próximo. **(apontar para as peças expostas).**

Mas, de todas as peças, aquela que mais se destaca pela sua raridade foi o *pirgo* (torre para lançar dados), em bronze, junto do qual se encontravam dois dados em osso. Por cima do arco por onde saíam os dados, encontramos uma inscrição recortada na chapa de bronze que nos diz:

Bem como correndo das barreiras por vezes a quadriga rola, assim também o dado lançado cai pelas escadas do pirgo. Feito na oficina de Sorico. Usai com sorte.

Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar, igualmente, a presença de um fruto de cipreste, a primeira evidência desta espécie no ocidente peninsular, bem como abundantes cascas de nozes e castanhas e caroços de pêssegos e ameixas que testemunham o consumo destes frutos no balneário.

A Idade Média

Após a derrocada da abóbada que cobria o edifício da piscina A, as termas continuaram a ser utilizadas parcialmente: prova disto é o fecho das escadas que davam acesso à piscina C, condenando a área em ruínas, e a alteração da sua cobertura de uma pequena abóbada de canhão para um telhado de duas águas. A grande piscina B poderá também ter continuado a ser utilizada, mas ao ar livre, uma vez que não há evidências da construção de uma nova cobertura.

Após o abandono do complexo, as pedras que compunham a elevação das paredes são reaproveitadas durante a Alta Idade Média, como o comprovam os materiais presentes na colmatação das valas de violação. Após um longo período de abandono deste local, em que se vão formando, paulatinamente, camadas de sedimentos ao sabor das cheias do rio Tâmega e da sedimentação natural. Os vestígios medievais começam a surgir sobre estas camadas, demonstrando o esforço de repovoamento da região. Um conjunto de moedas castelhanas dos reinados de Fernando III e Afonso X (1252/84), ainda com as marcas de uma bolsa em tecido impressas nas concreções, talvez perdido ou escondido por um mercador, testemunham as relações comerciais que sempre existiram entre os reinos vizinhos.

Na crise de 1383/85, a vila de Chaves toma partido por Castela e é cercada pelas tropas de D. João I. Uma grande concentração de projéteis de catapulta recolhidos no extremo Noroeste da área de escavação testemunha estas lutas.

A Modernidade

Na margem esquerda do rio Tâmega, logo a seguir à ponte romana, ficava o Arrabalde da Madalena, em torno do qual se construiu uma fortificação, protegendo assim a travessia do rio.

A construção foi concluída com o reforço da muralha medieval a poente com dois baluartes e com a ligação desta ao forte de Nossa Senhora do Rosário, por meio de três cortinas, um baluarte e dois meios baluartes. Um destes meios baluartes era o da Vedoria, edificado no Arrabalde das Couraças e que atravessava este espaço.

A partir do século XIX a muralha deixa de ter funções defensivas, uma vez que a vila já se tinha expandido para fora do espartilho a que a praça forte a havia restringido, e passa a ser um estorvo ao planeamento urbanístico. É nesta época que se procede ao aterro do fosso, desmonta-se o topo da fortificação e terraplena-se o largo do arrabalde para construção de um mercado que duraria até 1956, ano em que se constrói aqui o palácio de justiça.